

Carla Luz

Histórias de cemitério e meia-noite

Editora Estronho - 1ª edição
São José dos Pinhais, PR

ESTA É UMA VERSÃO DE DEGUSTAÇÃO

(em baixa resolução)

CONTENDO OS TRÊS

PRIMEIROS CONTOS.

EDITORA ESTRONHO

www.lojaestronho.com.br

www.estronho.com.br/blog

Efeitos especiais	5
Medo de cemitério	17
Restituição	23
Três bebem e um videokê	31



Atrás do bloco só não vai quem já morreu	39
Três dias	47
Três irmãs e a vela...	73
A reunião	83

A grayscale, misty photograph of a cemetery. In the foreground, several tombstones of various shapes and sizes are visible, partially obscured by tall, thin grasses. The background is a soft, hazy landscape with more trees and structures, creating a somber and atmospheric mood. The text 'Efeitos Especiais' is overlaid in the lower center of the image.

Efeitos Especiais

[ra meia-noite e o galo cantou três vezes para lembrar a negação de Pedro e assustar os supersticiosos. As crianças estavam todas dormindo tranquilas e protegidas pela Nossa Senhora da Aparecida. Só os incautos se atrevem a andar a ermo pela madrugada daquela cidade pequena. Dois desavisados eram as únicas almas em corpo a se aventurar pelas encruzilhadas do cemitério do bairro. Podem pensar vocês que eram dois malucos, mas eram um jornalista e um ateu. Não um ateu de Deus, propriamente dito. Esse, ele até que acreditava... mal e porca-mente, mas pelo menos, na hora da dor de dente, ele acreditava. Era ateu de assombração. Seu amigo queria porque queria fazê-lo acreditar. E nada melhor para ver *coisa-de-outro-mundo* do que passear pelo cemitério à meia-noite. Ou ele via alguma coisa, ou ficava com tanto medo que acreditaria.

– Temos que fazer o sinal da cruz para entrar no cemitério.

– Eu sou ateu! Não faço isso. – E foi entrando sem fazer cerimônia, pisando forte.

– Calma, aí, a-a-a-amigo. Tem que ir de-de-devagar por aqui – disse o jornalista olhando para os lados com os olhos arregalados.

– Ir devagar, por quê? Você me disse que o desafio era ir e voltar do cemitério. É o que vou fazer para te provar que não há esse negócio de assombração. – E foi caminhando com passos tão firmes que acordariam os mortos. Foi andando e não viu um negócio branco no chão. Tropeçou e caiu.

– Que-que-que aconteceu?

– Eu tropecei numa pedra idiota.

– Eu não sou uma pedra e muito menos idiota, seu idiota! Você é que não sabe por onde anda! – disse uma voz cavernosa.

– Ai! Meu Deus! Uma caveira! – O jornalista se benzeu e beijou a medalhinha da Nossa Senhora da Aparecida que ele levava no peito no cordão de prata.

– Quem falou isso? – perguntou o ateu sem mostrar o menor pingo de medo.

– Olha aqui embaixo, ô, idiota!

A caveira, com seus dentes risonhos e seus olhos profundos, fitou o homem como se o enfrentasse.

– Olha! Estilo um boneco de ventriloquismo – disse o ateu sorrindo enquanto pegava a caveira.

– Na-na-não... é... é... é uma ca-ca-ca...

– Dá pra me colocar no chão, porra?

– Ela fala sozinha! Que legal! E sem fio! – exclamou o ateu animado.

– Você vai me colocar no chão ou não?

– Reprodução de voz humana, sem botões – disse enquanto virava a caveira de ponta-cabeça como se olhasse um produto eletrônico na loja. – Tem interação, sem fio, cara! É tudo wireless!

– Nã-nã-não é... – engoliu em seco o jornalista. – Wi-wireless. Ai, meu Pai!

– Não dá nem pra ver o lugar das pilhas ou da bateria! Que massa!

– Me coloca no chão, seu otário!

– Ainda ofende! Há! Adorei!

– Me coloca no chão logo, seu idiota!

– Tá bom, dona caveira – disse fingindo sentir medo com as mãos para o alto depois de colocá-la no chão. – Ô, cara, por que você não me disse que tinha esse brinquedo? Show de bola! Depois vou comprar pra mim!

– Vamos embora! Vamos embora! Va-va-vamos!

– Passem fora, seus babacas! Passem logo!

– Um beijo pra você também, sua simpática! Vou comprar uma pra mim também, mas ela tem que xingar, se não, não tem graça. – Saiu rindo seguido por seu amigo que se benzia e tremia todo. – Que foi, cara? Tá com medo por causa de um brinquedinho à toa?

Continuaram andando pelo cemitério que de dia parecia pequeno, mas à noite lembrava uma estrada sem fim. O jornalista não queria ver mais nada, já tinham topado com uma caveira falante e o maluco do seu amigo ainda achava que era tudo um brinquedo.

Enquanto andavam, um bando de morcegos passou em revoada. O jornalista se encolheu, mas o ateu permaneceu parado. Os morcegos eram frutíferos naquela região. Mesmo se bebessem sangue, procurariam algum animal. Era interior, e vacas, galinhas e patos não faltariam. Mal os morcegos passaram, o jornalista sentiu uma presença atrás deles.

– Quem vem passear no cemitério numa hora dessas? – perguntou um ser com capa longa, rosto branquíssimo e caninos afiados.

– Eu e meu amigo jornalista, meu camarada – o ateu virou-se respondendo.

– Vocês não deviam estar aqui, humanos... com sangue quente – disse com olhos famintos.

– Bonita fantasia, *mermão*. Foi cara, né? Porque é bonita mesmo.

O jornalista estava paralisado diante daquela visão. Roupa preta, capa até os pés, pele branca como mármore Carrara, dentes caninos grandes... só podia ser...

– Sou o Drácula! Você não tem medo? – falou aproximando-se perigosamente.

– Você é o Drácula? – perguntou encarando. – Muito prazer, seu vampiro! – E apertou a mão do ser

noturno. – Olha, sou seu fã, sabe? Gostei muito dos filmes *Entrevista com o Vampiro*, *Drácula 2000* e até do *Blade*... Mas sacanearam o senhor com *Crepúsculo*, né? *Brilhando*? Fala sério! Acho melhor o senhor ir reclamar lá em Hollywood porque tua fama tá, ó – fez o final com o dedão para baixo –, tá ruim, irmão. Errou feio, errou rude! – Saiu sem prestar atenção no vampiro e nem dando tempo para que ele falasse algo.

– Sai pra lá, bicho ruim – disse o jornalista mostrando a cruz tatuada no peito. O vampiro olhou feio para eles tampando a visão. Então era verdade que vampiros não gostavam de cruzes.

– Além disso, seu *Drácula*. A gente acabou de comer pizza de alho. Nosso sangue deve estar temperadinho! – disse o ateu morrendo de rir.

– Cara... você... vo-vo-vo... você não viu ele se transformando em morcego de novo, não?

– Amigo, olha só – parou de frente e colocou as duas mãos nos ombros do outro – você está brincando comigo, contratou esse cara, comprou aquela caveira maneiríssima que xinga a gente só pra eu acreditar em assombração? E, olha só, quem tá com medo é você! – Riu e continuou andando.

– Co-co-como não estaria com medo? Nós vimos uma caveira e um vampiro!

– Ah! Para de sacanagem! Vai me dizer que agora vai aparecer um fantasma também?

– Alguém me chamooooouuuu? – ouviu-se uma voz que mais parecia um eco.

– Ahhhhhhhhh! – E correu para trás do ateu tremendo dos pés à cabeça.

– Olha, cara... – o ateu virou-se para o amigo – Por acaso você colocou algum alucinógeno na nossa bebida? Que foi? Foi LSD? Fala a verdade!

– Eu não coloquei nada não! Juro por Deus!

– Ah! Então...

– É um fanta...

– Projeção holográfica! – Estalou os dedos como se tivesse acabado de descobrir um enigma. – Muito bem feito, mesmo!

– Eu não sou projeção alguma! – falou o fantasma ofendido. Passou através do ateu para comprovar seu estado fantasmagórico.

– Arre! É gelado! – reclamou diante daquela sensação.

– É-é-é-é-é um fantasmaaaa! Eu te disse! – O jornalista quase se mijou de tanto medo.

– Já sei! É aquela tecnologia 4D que dá pra sentir tudo! *Manêro!* Achei que tinha só na Disney.

– Não é... não é...

– Meu corpo foi enterrado aqui nesse cemitério há quinze anos. – O fantasma apontou para a lápide do lado esquerdo. – E durante todo esse tempo venho vagando por essas encruzilhadas espantando os desajuizados como vocês!

– A atuação desse cara é show de bola! Perfeito o efeito. Esse ar melancólico, essa voz cheia de eco... onde fica o projetor? – perguntou enquanto olhava para os lados, para cima e para baixo. – Muito bem escondido. Perfeito. Cara, Spielberg conhece esses recursos, né? Só pode! Merece o Oscar de efeitos especiais! Fantástico! Fala pro diretor que ficou muito bom. – Passou dentro do fantasma, rindo à beça do friozinho que sentiu.

– Ca-ca-ca-cara vo-vo-você é doido!

– Doido é você que ainda não tinha me trazido aqui. Que máximo! Estão filmando algum tipo de filme de terror, clipe de música?

– Você não tá entendendo – disse o jornalista assustado antes de olhar para trás. – Meu Deus do Céu! Senhor me defenda! – Abaixou e escondeu o rosto no chão.

– Que foo... Gente! Estamos no *Thriller*! Cadê o cara vestido de Michael Jackson? *Thriller, thriller now! Au!* – cantava e imitava o cantor enquanto ria escancaradamente.

– Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco...

– Deixa de bobagem! Vamos dançar! Eu adoro *Thriller*! E essa maquiagem tá fantástica! Dá os parabéns para os maquiadores, ó! Muito bom! – Bateu no ombro do morto-vivo. – Deixa de bobeira, levanta, seu cagão!

– Vo-você é maluco! Era um morto-vivo! Um de verdade! – Arregalou os olhos para o jornalista.

– O maquiador desse morto-vivo deixou ele assustador mesmo! Tá de parabéns.

– Não, cara.. não é...

E quando eles menos esperavam...

– Passa tudo! Perdeu, perdeu, playboy! – esbravejou. O assaltante balançava o revólver na cara do ateu, mas olhava para os lados procurando o coveiro com os olhos caso precisasse fugir.

– Que isso? Tem até assaltante!?! – Ria o ateu.

– Isso é pegadinha do Faustão! Ou então do Silvio Santos... Tem cara de ser pegadinha do Silvio! Cadê as câmeras? – Olhou para todos os lados, em busca dos equipamentos de filmagem.

– Passa logo esse relógio, mané! – gritou o assaltante.

– Você também é um ótimo ator! Tem cara de bandido mesmo, olha só! – O ateu olhava para o suporte ator sem sentir medo.

– Me passa o celular e a porra do relógio, mané!

– Encostou o revólver na cabeça do ateu. – Vamos! Se não te encho de furo!

– Até o revólver parece de verdade! Esses recursos de cinema estão cada vez...

Mas antes que pudesse terminar sua frase, o bandido disparou dois tiros no ateu. Levou relógio, tênis, celular e o dinheiro dos dois amigos. O jornalista saiu correndo por medo, mesmo sem saber como estava seu amigo.

O espírito do ateu se desprende do corpo e deu de cara com um ser alto, encapuzado e com uma mão muito magra e pálida.

– Bem-vindo ao além – disse a criatura com voz grave. – Você acaba de morrer, meu jovem.

– Ah! Tá bom, tá bom. Escuta aqui, moço. Eu queria saber se há alguém com quem eu possa falar – disse tocando no ombro da Morte. – Os efeitos de cinema são muito bons.

– Efeitos? Cinema? Meu senhor, o senhor acabou de mo-rreeeeer! – a Morte deu ênfase na última palavra para convencer o recém-morto.

– Beleza, aham, tá – disse o incrédulo. – Esse papo todo de assustar é só para eu não conhecer o diretor, né?

– Diretor? – questionou sem entender.

– É, cadê o diretor, amigo? O cara que manda? O roteirista, então. Ele, com certeza, sabe quem é o diretor!

– Diretor, diretor, diretor... saquei! Sim, claro! Cinema! Diretor! Claro! – mentiu a Morte. – Vamos por aqui que eu vou te apresentar o diretor.

– Ah! Legal! – falou animado. – Fica pra qual lado?

– Vamos andando. É ali, à esquerda depois da caveira.

– Da caveira que xinga? Que legal! – disse ao passar pela famigerada xingadora do cemitério.

– Eu disse que era pra ir embora, seu imbecil, filho da puta, desgraçado!

– Chega, Crânio! – falou a Morte sem paciência.

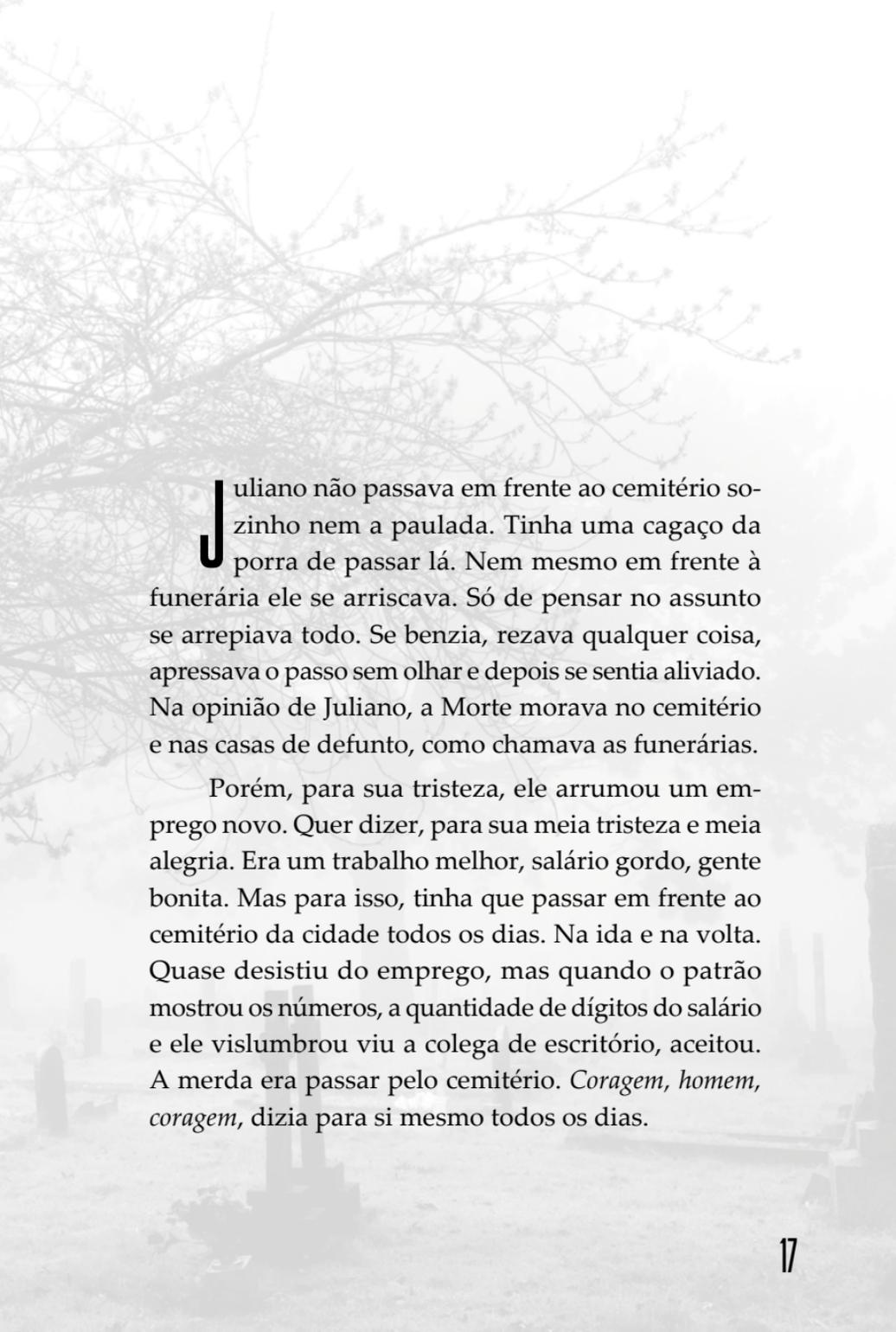
– Deixa! Adorei esse robô que xinga. Alta tecnologia, né? Animatronic, genial!

– Ideia do diretor! Vamos! O escritório dele fica logo ali no subsolo. Só espero que você não repare muito... o escritório dele é um Inferno de quente, ok?





Medo de cemitério



Juliano não passava em frente ao cemitério sozinho nem a paulada. Tinha uma cagaço da porra de passar lá. Nem mesmo em frente à funerária ele se arriscava. Só de pensar no assunto se arrepiava todo. Se benzia, rezava qualquer coisa, apressava o passo sem olhar e depois se sentia aliviado. Na opinião de Juliano, a Morte morava no cemitério e nas casas de defunto, como chamava as funerárias.

Porém, para sua tristeza, ele arrumou um emprego novo. Quer dizer, para sua meia tristeza e meia alegria. Era um trabalho melhor, salário gordo, gente bonita. Mas para isso, tinha que passar em frente ao cemitério da cidade todos os dias. Na ida e na volta. Quase desistiu do emprego, mas quando o patrão mostrou os números, a quantidade de dígitos do salário e ele vislumbrou viu a colega de escritório, aceitou. A merda era passar pelo cemitério. *Coragem, homem, coragem*, dizia para si mesmo todos os dias.

Saiu de casa às nove horas, começou a suar apesar do friozinho que fazia. Esperou. Fingiu que arrumava o sapato. Alguém vinha e iria passar pelo cemitério. Ele aproveitou e foi andando com a pessoa. Tinha medo, mas acompanhado ele conseguia disfarçar. A pessoa não precisava saber que ele estava suando e quase se borrando por dentro.

Pronto! Passou. Foi trabalhar mais tranquilo. Em dez minutos, nem lembrava do seu medo idiota. Só pensava na colega de trabalho que era danada de uma gostosa.

O dia foi tranquilo até demais. Trabalho normal. Papel pra lá, papel pra cá, assinaturas, carimbadas, levar para o outro setor, almoçar com a delícia da colega de trabalho, sorrir para ela, sorrir para o chefe, fazer o trabalho, pensar no gordo salário no final do mês, levar papéis outra vez, tomar um café para acordar, conversar, mais papéis, assinaturas, carimbadas, elevador no primeiro andar, ônibus e medo.

Era hora de passar pelo cemitério. E o pior: eram 23h50. Quase meia-noite e ele precisava passar em frente à porra do cemitério. Resolveu repetir a ideia da manhã. Arrumou a roupa para dar tempo, fingiu amarrar o tênis e percebeu alguém vindo e que também passaria por aquele lugar mórbido. Seguiu com ela. Passou! Alívio.

A rotina continuou durante meses. Todo dia ele se arrumava, esperava alguém passar e seguia com algum desconhecido até ultrapassar.

No emprego sua felicidade era imensa. O salário gordo tinha lhe dado um celular novo, roupas mais bonitas, várias olhadas da gostosa do escritório. Eles até estavam combinando de sair na semana seguinte. Ele, que não era bobo, idealizava um jantar. E se ela se mostrasse mais moderna, uma bela passada no motel para terminar *leve* a noite. Mas se ela fosse mais recatada, não haveria problema. Terminar a noite ou o mês no motel valeria a pena com aquela mulher.

Quinta-feira e mais uma vez seu medo absurdo estava lá. Precisava voltar para casa. Seu salário obeso ainda não permitia comprar uma casa em outro lugar, mas era o primeiro item da lista de desejos de Juliano. *Morar perto de cemitério? Nunca mais!*

Fingiu arrumar o sapato enquanto esperava alguma alma bondosa aparecer para o acompanhar. E veio. Um senhor de cabelos muito brancos, blusa também alva e calça jeans. Sorriu para Juliano e ele sentindo-se bem, puxou conversa.

– O senhor mora por aqui? – perguntou aproveitando a companhia.

– Moro sim. Você também, meu jovem? – o homem perguntou com um sorriso.

– Moro. Umas três ruas antes da praça – disse Juliano gostando da voz do velhinho. Parecia ser daqueles vovôs cheios de netos.

A conversa veio boa, pois o senhor não andava muito rápido. Juliano até sentiu um pouco menos de

medo enquanto passavam pelo portão principal do cemitério. O velho parou na esquina, disse que entraria para a direita já se despedindo. O rapaz pensou na possibilidade de morar em frente ao cemitério. Estremeceu; nunca conseguiria. Era muita coragem.

– Olha, o senhor me ajudou muito hoje – resolveu confessar.

– Ajudei? – O velho se mostrou surpreso. – Nem falei nada demais, meu jovem.

– Tenho até vergonha de contar – Juliano disse meio tímido –, mas... eu não gosto de passar em frente ao cemitério. Na verdade, eu tenho muito medo. Um pavor paralisante e fico sempre esperando alguém aparecer para passar comigo. Fico suando frio, tremo, tenho até dor de barriga – falou com alívio, mesmo sendo para um desconhecido.

– Ah! Isso é muito natural – disse o velhinho sorrindo para ele. – Eu também tinha muito medo.

– Sério? Mas hoje não tem mais? – perguntou esperançoso. Quem sabe não existia uma cura para sua fobia?

– Não. Isso era antes. Quando eu estava vivo, eu tinha muito medo de passar em frente ao cemitério. Mas agora não.

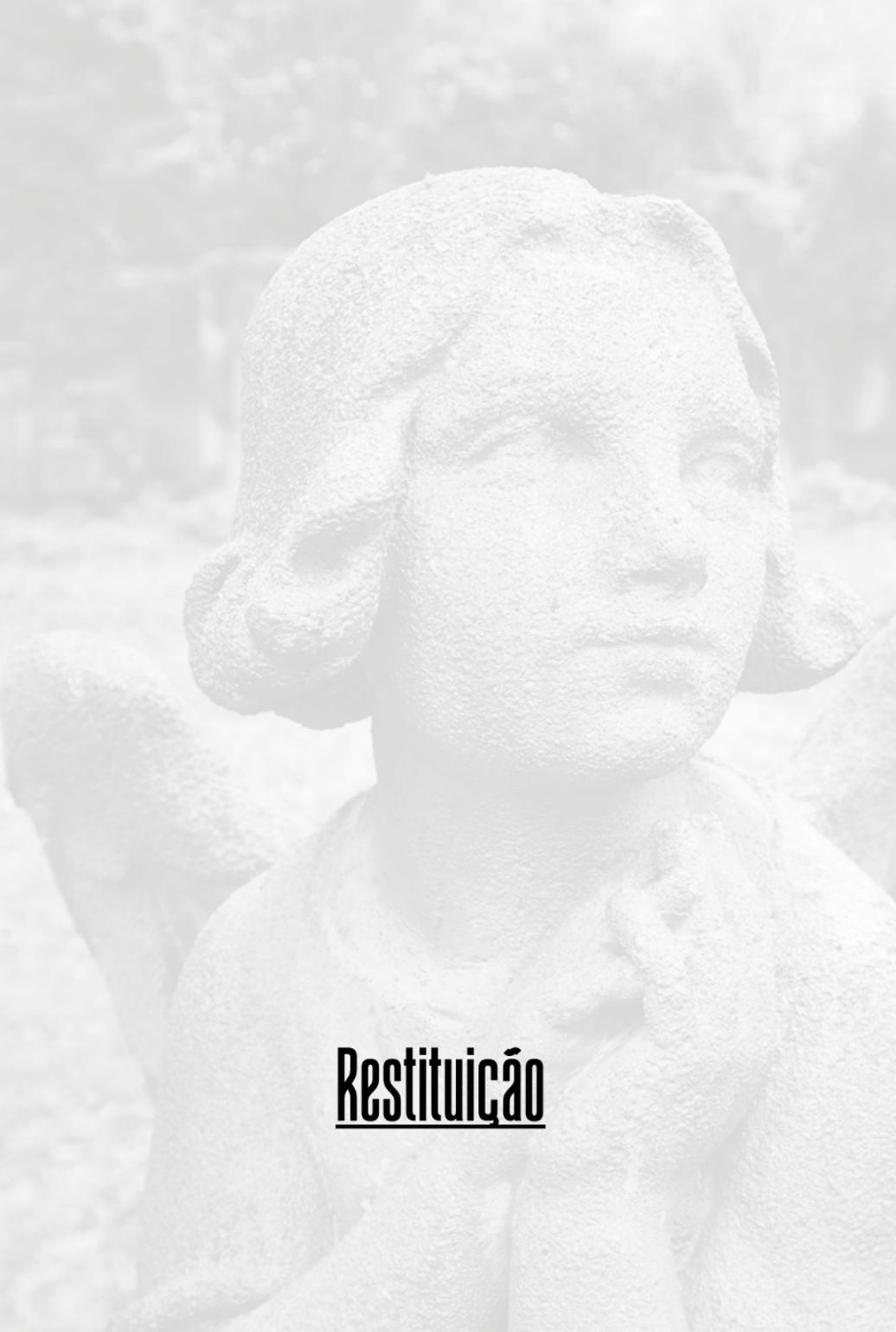
+++

– Chefe, cadê Juliano que não aparece há três dias? – perguntou a loira gostosona.

– Eu não sei, Marta. Dá uma ligada pra casa dele. Vai que tá doente, né? – respondeu o chefe sem se preocupar de verdade.

Vinte ligações. Ninguém atendeu.

No cemitério, um senhor de cabelos alvos e blusa da mesma cor entrava, andava entre as covas e estátuas de anjos. Mas dessa vez o velhinho estava acompanhado.



Restituição

No Vilarejo de Buriti havia uma moça que queria casar. Sua avó, antes de morrer, sempre dizia que para conquistar um homem, uma moça prendada devia saber cozinhar. Mas ela era péssima. Já tinha tentado de tudo! Desde coisas simples como arroz até as coisas difíceis como buchada de bode com agrião. A única coisa que conseguia fazer era ferver água, e olhe lá!

A jovem gostava muito de ficar na janela vendo as pessoas passarem, enquanto sonhava com um príncipe encantado que apareceria para tirá-la daquele tédio. Bem do jeitinho dos romances de banca de jornal que ela lia loucamente.

Tanto suspirou, tanto sonhou que apareceu por aquelas bandas um moço todo formoso. Bonitão, para dizer a mais pura verdade. Olhos verdes, cabelo bem arrumado, chapéu bonito e gravata toda esticadinha. Não tinha cavalo branco. E quem disse que isso era problema? Ele tinha emprego! E logo quis casar com a moça.

Assim aconteceu. Após a lua de mel, o moço quis saborear os famosos quitutes que sua esposa dizia saber fazer.

– Amor, sabe o que eu queria comer hoje? – perguntou o moço suspirando logo pela manhã.

– Diga, meu bem – falou suavemente, mas temerosa por dentro.

– Eu queria comer carne assada – disse quase salivando nas palavras.

– Se você quer, eu farei.

O moço deixava sempre um dinheiro para as despesas. A moça ficou toda nervosa. Não sabia nem escolher carne, que dirá fazê-la assada!

Na vizinhança havia uma senhorinha que quase ninguém gostava, mas que a moça descobrira ter um talento culinário maravilhoso. Foi até lá e convenceu a mulher a ensiná-la a fazer o prato. Observou e repetiu tudo em casa.

– Amor, estou satisfeítíssimo! Minha esposa é mesmo um primor na cozinha – elogiou a mulher como todo bom marido devia fazer. Passaram a noite juntos cheios de carinho e palavras de paixão.

No dia seguinte o marido quis outro prato. Parecia até mulher grávida!

– Bem que você podia fazer uma sopa de legumes com músculo e muitas verduras, né?

– Se você quer, eu farei.

E logo que o marido saia para trabalhar, a moça corria para a casa da velha pedindo ajuda.

Isso não aconteceu somente umas duas ou três vezes, já estava na cota de cinquenta e oito vezes que moça pedia ajuda culinária para a velha. Mas o pior era que a moça sequer agradecia! A velha já não aguentava mais tanta falta de educação.

– Amor, sabe o que eu queria comer hoje? – perguntou o glutão do seu esposo que já mostrava uma ligeira barriguinha.

– Diga, meu bem – repetia a mulher cada vez que ele pedia um prato especial.

– Eu queria comer tripa. Daquelas bem fritinhas com batatas coradas, arroz branco fresquinho e couve refogada. Faz pra mim, amor, faz?

Como sempre acontecia, a mulher disse que faria. O jovem marido foi trabalhar e mais uma vez a jovem foi até a vizinha pedir ajuda.

A velha, que já estava de saco cheio daquela jovem mal-educada que não dizia nem um *obrigado*, resolveu pregar uma peça na jovem.

– Claro que eu te ensino, minha filha – fingiu educação e carinho que não sentia pela mulher. – Mas você tem que seguir a receita certinho, sem mudar nada de nada. Você fará?

– Sim, sim, eu faço tudo – a jovem falou empolgada. Faria qualquer coisa para agradar e não perder o marido.

– Você tem que ir, à meia-noite, até o cemitério da cidade. Escolha uma cova que tenha sido mexida há pouco tempo, com um defunto fresco. Com as próprias mãos, cave e fure a barriga da pessoa. Retire as tripas e traga para casa – falou direto sem dar tempo para espanto, medo ou qualquer outra observação da moça. – O defunto não trará problemas porque fantasmas não existem, menina. Não se preocupe. Chegue em casa limpe com água corrente e depois com muito limão. Coloque carne de porco moída e faça o restante do jeito que eu vou te falar.

A velha explicou o restante do procedimento para a jovem. Falou com tanta verdade que ela nem pensou em desistir.

Esperou chegar a noite, saiu sorrateiramente da cama sem acordar seu esposo. Foi até o cemitério e tudo fez como a velha mandou. Enquanto a senhora dizia, não parecia tão nojento, mas foi. A jovem quase desistiu, porém lembrou da expressão feliz de seu marido depois das refeições, das noites de amor... Respirou fundo e fez tudo o que tinha que fazer.

Foi para casa tomada de pavor. O cemitério era assustador em qualquer horário, mas à meia-noite era pior do que seus piores pesadelos. No entanto, seu marido queria tripas! O que ela podia fazer?

Na noite seguinte, ela limpou aquelas coisas nojentas, passou limão, colocou carne, fritou, fez molho com cebola, fez o arroz branco fresquinho, fez couve.

O marido chegou, a beijou e caiu dentro. Comeu até abrir o zíper da calça.

– Não vai comer comigo, amor? – ele questionou com a boca cheia.

– Não. – Tampou a boca com enjoo. – Hoje não. Estou sem fome, querido. – Correu para o quarto para esconder a cara de nojo. O marido estava felicíssimo e tinha certeza de que sua mulher cozinhava tão bem que poderiam abrir um restaurante.

Ela recusou-se a dormir com ele, alegando dores de barriga. Grande mentira! Só não queria olhar para ele sabendo de tudo! Já estava arrependida de ter feito aquele prato. Podia ter falado com ele que não sabia, comeriam um prato já conhecido e testado, mas tinha tanto medo de perder o marido que fez aquela loucura.

Ficou na sala tentando ler. Precisava esquecer tudo aquilo. Precisava.

O sono veio intranquilo.

– Triiiipaaaaas! – A jovem acordou assustada com a voz etérea.

– Estou sonhando só isso, estou sonhando.

– Minhas triiiipaaaaas – disse o fantasma ao seu lado. Ela quase gritou, mas por um milagre lembrou-se do marido dormindo e calou-se. Como se tivesse engolido o grito que não saía. – Devolva minhas triiiipaaaaas!

A jovem esposa foi para cozinha tentando se convencer de que aquilo era coisa de sua cabeça. Pegou um copo de água, mas o fantasma a acompanhou repetindo as palavras. Foi ao banheiro e o fantasma estava lá, foi para sala outra vez e ele continuava com o pedido fantasmagórico.

O marido acordou e a esposa estava assustada, acuada num canto. Os cabelos revoltos, os olhos fundos, olheiras que pareciam ter sido cavadas. Tentou falar, mas ela não respondia. Pensando ser daqueles momentos difíceis que toda mulher passa no mês, foi trabalhar sem fazer nenhum pedido especial.

O fantasma não desgrudou da mulher e ela nunca mais foi a mesma. Dias se passaram vendo aquele ser translúcido que pedia suas tripas de volta. Tentou visitar a velha, mas ela tinha ido ver o filho em outra cidade. Estava só com aquela abominação. Estava perdida.

Depois de quatro dias vendo sua mulher enlouquecida, o marido teve a surpresa de não a encontrar em casa. Primeiro, pensou que ela tivesse recobrado a alegria e ido ao mercadinho comprar-lhe algo de bom para comer, mas ninguém a vira por lá. Falou com vizinhos, com sua tia que morava duas ruas à frente, com o padre da igreja e nada. Ninguém tinha visto sua mulher. *Onde ela terá se metido, meu Deus?*, pensou.

Andando pelo bairro, viu uma multidão aglomerada em frente ao cemitério. Resolveu ver. Além

da curiosidade, poderia, quem sabe, encontrar sua esposa ali. Foi chegando perto e notou que muitos comentavam sobre uma cena sórdida que tinham encontrado na cova 219.

– Calma, gente. Nós iremos investigar – dizia o policial da região tentando acalmar e afastar os curiosos.

– Que aconteceu, seu guarda? – perguntou o marido. O policial o guiou para dentro do cemitério sem deixar que mais ninguém o acompanhasse. A cena que se viu foi terrível. Sua mulher estava morta ao lado de um cadáver em estado avançado de putrefação. Ambos estavam com a barriga aberta, sangue para todo lado e as tripas interligadas.

Ninguém entendera o motivo daquela morte horrorosa. Nem o policial, nem o investigador, muito menos o marido.

A mulher estava morta e o fantasma restituído.

**FIM DO ARQUIVO DE
DEGUSTAÇÃO**

**ADQUIRA COM DESCONTO
NA LOJA OFICIAL
DA EDITORA ESTRONHO**

www.lojaestronho.com.br

OU VEJA OUTROS PONTOS DE VENDA EM

www.estronho.com.br/blog

f [estronhobook](#)
t [estronho](#)
ig [estronho](#)
www [estronho.com.br](#)


**EDITORA
ESTRONHO**